Mapas turísticos e sua representação cultural: Marcel Maus e seu "Ensaio Sobre a Dádiva".

Airton José Cavenaghi[1]

RESUMO

O turismo na montagem de seu aspecto mercadológico de consumo, produz uma série de elementos que legitimam sua existência como produto da sociedade contemporânea. Entre esses elementos, observa-se o mapa turístico como um dos aspectos da visualização da viagem de lazer. O mapa turístico é ao mesmo tempo orientador e doutrinador da viagem, ao não permitir que seu usuário estabeleça outras relações de consumo no ambiente visitado. Ao indicar atrações, leia-se também elementos do patrimônio cultural local, o mapa usado para orientação do turista "oferece", dá ao seu usuário, uma opção de percepção da realidade cotidiana do local. O turista, neste caso, "recebe", e por desconhecimento do local visitado, apenas "retribui" aquela "seleção cultural" realizada inicialmente pelo conhecimento do mapa existente. Observando essa caracterização descritiva, é possível adotar a ideia teórica de Marcel Mauss, presente em seu "Ensaio sobre a Dádiva" (MAUSS, 2004), para compreender essa lógica cultural da visitação. Neste artigo pretende-se discutir como o "simples observar" do turista é, desde o início, contaminado por padrões previamente estabelecidos, propondo situações de controle e mensuração de resultados daquilo que pode ser definido, na atualidade, como "negócios da hospitalidade". O autor do mapa, deposita na sua produção cartográfica sua carga cultural mnemônica, definindo, desta forma "o que" e "quais" elementos devem ser observados e vivenciados pelo turista. Assim este estudo preliminar, procura "desconstruir" (HARLEY, 1999), ao olhar de maneira crítica; leia-se: identificar o produtor do mapa e a realidade do local turístico; o objeto produzido. Assim, ao perceber-

[1] Professor Pesquisador do Programa de Pós Graduação: Mestrado e Doutorado em Hospitalidade. Universidade Anhembi Morumbi (UAM-SP). Email: acavenaghi@gmail.com . Essa comunicação faz parte dos resultados iniciais do projeto: "Hospitalidade e a materialização das representações sociais: a contemporaneidade das ideias de Marcel Mauss", em desenvolvimento.

se a realidade apresentada por um mapa turístico, mostra-se que o mesmo, pode ser considerado também resultado do consumo organizador capitalista contemporâneo. Como objeto de análise para este texto selecionou-se três mapas turísticos disponibilizados para download pela Prefeitura de São Paulo em sua página pública na internet. O primeiro refere-se ao Bairro de Pinheiro, o segundo um mapa que apresenta ao turista, a região da Avenida Paulista e Ibirapuera e o terceiro, outra construção cartográfica chamada de "Mapa Geral", que mostra a cidade como um todo. Em todos esses objetos cartográficos o que se observa, é uma pré-seleção de visualização, ou seja, uma proposta de percepção da cidade pelo olhar orientador e organizacional de seus gestores.

Palavras-chave: Cartografia. Turismo. Dádiva. História Contemporânea.

INTRODUÇÃO

Um mapa cartográfico também é um instrumento cultural. Um dos elementos que materializam as regras organizacionais de uma sociedade. Para ser "lido" e compreendido deve fazer parte do rol de elementos simbólicos, criados por essa mesma sociedade. Visto assim, representa a visão de seus gestores e sua presença, ajuda a conduzir a reproduzir elementos aptos a edificar e concretizar a ideia de permanência de um poder, ou mesmo de sua justificativa.

Sua comunicação simbólica não é uma via de mão única. Um mapa informa e comunica aquilo que reflete, ou seja, os aspectos representativos da sociedade que o produziu. Essa comunicação não é aleatória, ao contrário, serve para instituir uma visão específica do mundo que a criou.

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DOCUMENTAL

Os objetos cartográficos apresentados nessa análise podem ser assim especificados. O primeiro refere-se ao Bairro de Pinheiro, o segundo um mapa que apresenta ao turista, a região da Avenida Paulista e Ibirapuera, e o terceiro, outra construção cartográfica chamada de "Mapa Geral", que mostra a cidade de São Paulo, como um todo.

Todos são disponibilizados de maneira gratuita no site: http://capital.sp.gov.br/turista/roteiros ou http://cidadedesaopaulo.com/download/ e permitem o download dos mapas em formato .pdf para impressão, ou utilização em aplicativos móveis. Sua disponibilidade também é realizada em forma física, já impresso e dobrado para serem utilizados por turistas que visitam os centros de informações aos turistas (Cit), espalhados pela cidade. As presenças destes instrumentos de localização, mostram que há uma política pública responsável por aquilo que foi pré-selecionado para figurar como atrativo e assim reforçar os aspectos necessários a organizar e sistematizar, a maneira como a visitação será feita.

A venda de mapas, ou mesmo sua distribuição em lugares turísticos, sempre fez parte da organização do processo de visitação. A forma como esses mapas são apresentados, sempre demonstram preocupações de fazê-los presentes em todas as ações do turista e suas interações com os locais visitados.

O Ministério do Turismo, por exemplo, adotou durante o final da década de 1990 e início dos anos 2000, o formato "Z-Card", que já era utilizado com certo sucesso, principalmente na Europa, no mesmo período. Os "Z-Card" possuíam um formato de uma folha A4, e após serem devidamente dobrados, ficavam do tamanho de uma cartão de crédito. Desta forma garantia-se a sua portabilidade e interação com as ações turísticas. Ainda hoje esse tipo de publicação é regulado por leis internacionais de propriedade industrial e monopólio da empresa: www.zcard.com . Esse formato foi muito utilizado para distribuição em feiras e eventos relacionados ao setor de turismo, no período indicado anteriormente,

Na atualidade as plataformas móveis de comunicação passam a serem o principal veículo de divulgação de mapas e guias especializados. Podem, inclusive, serem otimizados conforme a localização e nacionalidade do turista.

Os mapas que são objetos desse estudo, praticamente já não são mais distribuídos gratuitamente, mas a ideia inicial de sua formulação ainda está presente, pois poucas ações públicas são observadas em transformar a produção cartográfica turística em algo participativo, no qual haveria um retorno de uso, do usuário, em relação ao objeto cartográfico, para a construção e reorganização das informações disponibilizadas.

A TEORIA DA DÁDIVA E SUA CIRCULARIDADE

A ideia da circularidade da Dádiva pode ser resumida no questionamento inicial proposto por Marcel Mauss: "Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua" (MAUSS, 2003, p. 188). O retribuir do donatário, acomoda uma infinidade de dádivas e contra dádivas que criam uma circularidade praticamente infinita e ao mesmo tempo estabilizadora das relações sociais, da qual fazem parte o doador e o receptor.

Nesse conjunto de ações que Mauss classifica como "o fato social total", acomoda-se a tridimensionalidade da Dádiva prevista por Claude Levi-Strauss (2003, p.24), e essa "tridimensionalidade", ou seja, um ciclo sem fim de acontecimentos desencadeados ou não, pela prestação inicial da Dádiva, é aquilo que na historiografia contemporânea chamamos de Nova História. Jörn Rüsen (2001) argumenta a esse respeito que:

> A interdependência dos cincos fatores do pensamento histórico é patente: em conjunto, eles constituem um sistema dinâmico, no qual um fator leva ao outro, até que do quinto, volta-se ao primeiro. Os diversos fatores são, pois, etapas de um processo da orientação do homem no tempo mediante o pensamento histórico. (RÜSEN, J., 2001, p. 35).

Cada ação é resultado de uma infinidade de situações cotidianas, e em muitos casos não identificadas, e que podem ter sido desencadeadas por *inputs* externos a visão situacional do sujeito e da sociedade a serem compreendidos.

Como um mapa; considerando-o aqui um objeto cultural; não é diferente. Embora sua produção obedeça a uma lógica tecnicista; uso de coordenadas geográficas, aparelhos de medição por satélite, entre outros elementos; ele é fruto de uma produção humana datada e classificada no ato de sua criação. Sua reprodutibilidade técnica não é ausente de sentidos e situações que representam a sociedade produtora e assim devem ser vistos.

Ao observar, o usuário "recebe" a informação. "Retribui" ao utilizá-la, dando um retorno que contribui para manter uma constante circularidade de informações que embora fixas nos desenhos e representações expostas no elemento cartográfico, continuarão a reproduzir os elementos iniciais da observação. Como esse tipo de mapa, da maneira que se é discutido aqui, não permite uma modificação real dos elementos originais expressos no primeiro momento da observação, o ciclo não sofre ações externas, fato que contribuí para mantê-lo, posteriormente, como divulgador das realidades culturais das fontes produtoras.

O OBJETO CARTOGRÁFICO E SEU USUÁRIO

Não é possível de se mensurar a real quantidade de elementos simbólicos, presentes em um objeto cartográfico, que podem interferir e modificar a percepção de quem o observa. A forma como se observa é fruto também da memória formativa de seu usuário. Alguns elementos, entretanto, quando presentes, são fundamentais para a criação de uma real interferência no processo de visitação turística. Apresentamos aqui, três situações fundamentais; classificadas até esse momento; para perceber a real influência de um objeto cartográfico no processo de visitação turística.

A primeira e talvez a mais significativa, seja a questão da portabilidade do objeto cartográfico. Ele precisa, nesse, caso possuir um formato no qual possa ser "carregado" pelo usuário e utilizado de uma maneira mais fácil. O formato dos "Z-Cards" é um exemplo desta característica.

Outra situação importante refere-se a sua influência simbólica e está relacionado a mensuração de sua circulação. Nesse caso a distribuição de mapas, realizada de forma gratuita por órgãos governamentais, por exemplo, é um fator fundamental de mensuração do grau de influência que esse material cartográfico pode ocasionar. Quanto mais um objeto cartográfico circula, ou seja, pessoas têm contato com ele, mais ele influenciará e reproduzirá seus elementos culturais formativos.

A última situação refere-se à exposição dos símbolos cartográficos existentes em um mapa. Quanto mais legíveis eles os são, maior será o grau de compreensão pelo observador daquilo que é exposto. A categoria "alegórica"; aquela que não obedece às dimensões, nem ao mesmo os formatos originais de locais e monumentos; pode estar presente. Locais e monumentos são representados de maneira "caricatural" e desproporcionais, associados com "carinhas de felicidades", por exemplo, estampadas no rosto do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, ou ainda, nos moais da Ilha de Páscoa. As representações assumem uma característica "amigável" que supostamente contribuiria para melhorar o processo de visitação do turista.

As situações abordadas aqui referem-se apenas aos objetos cartográficos impressos e que a sua existência material possa ser percebido. Na atualidade, as

plataformas móveis podem excluir algumas dessas situações apontadas; a portabilidade por exemplo; mas também podem acentuar outras situações, no caso sua circulação.

Os objetos cartográficos analisados nesse artigo possuem portabilidade e circulação, quando distribuídos já impressos. Observa-se, porém, que na atualidade eles são disponibilizados *on line* para download com o mesmo padrão técnico para impressão. A ação mostra um interesse do setor público em disponibilizar seus mapas sem custo adicional, embora essa tarefa não seja fácil pois os arquivos disponibilizados possuem um formato não compatível com uma impressão doméstica, por exemplo. Nota-se que isso pode ser uma questão importante, pois dificilmente o usuário final faria essa impressão.

Caso o usuário final decida por um download do arquivo em uma plataforma móvel irá observar que há uma incompatibilidade entre "ter o mapa" e sua visualização, pois o resultado final pode ser insatisfatório.

OS OBJETOS CARTOGRÁFICOS SELECIONADOS

Para efeito desse artigo, como já informado, foram selecionados três mapas turísticos disponibilizados para download pela Prefeitura de São Paulo em sua página pública na internet. O primeiro refere-se ao Bairro de Pinheiro, o segundo um mapa que apresenta ao turista, a região da Avenida Paulista e o terceiro, outra construção cartográfica chamada de "Mapa Geral", que mostra a cidade de São Paulo como um todo.

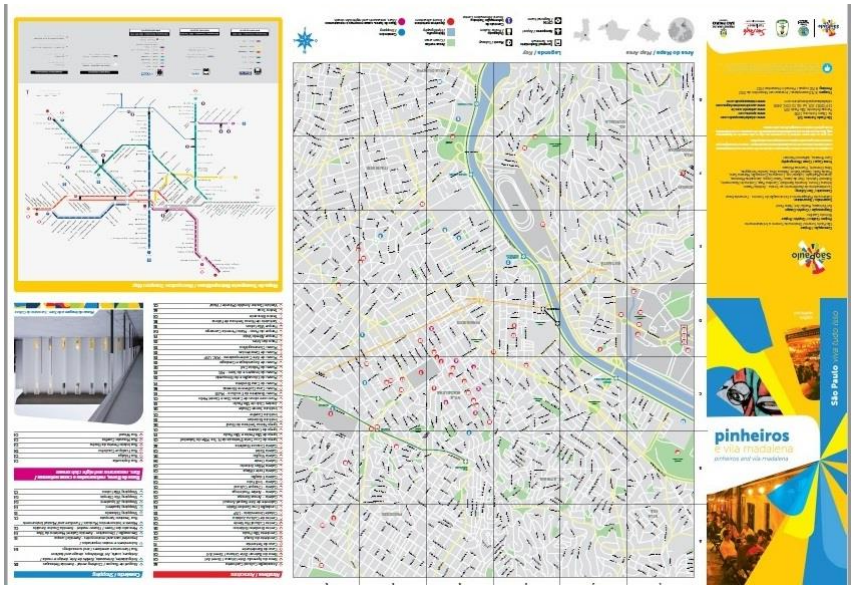

Figura 01: Mapa da Região dos Bairros de Pinheiros e Vila Madalena (Frente: Parte Cartográfica).

Disponível em http://www.capital.sp.gov.br/turista acesso 06/06/2017

Figura 02: Mapa da Região dos Bairros de Pinheiros e Vila Madalena (Verso: Parte Explicativa).

Disponível em http://www.capital.sp.gov.br/turista acesso 06/06/2017

No mapa exposto, com sua parte da frente cartográfica e seu verso com informações explicativas dos atrativos, nota-se uma preocupação com a padronização das informações técnicas cartográficas. O mapa segue o mesmo padrão técnico de georeferenciamento utilizado pela maioria de equipamentos eletrônicos locacionais (GPS automotivos, por exemplo). Não é uma construção cartográfica pensada para o pedestre, por exemplo, embora seu formato permita uma série de dobras do papel para garantir sua portabilidade. O mapa abrange uma região muito grande para se locomover a pé, e representa o bairro em sua totalidade. Na sua parte frontal não é seletivo e sim indicativo de localização dos atrativos. Em seu verso é que podem ser observados as indicações selecionadas como aquelas atrações que “valem à pena”.

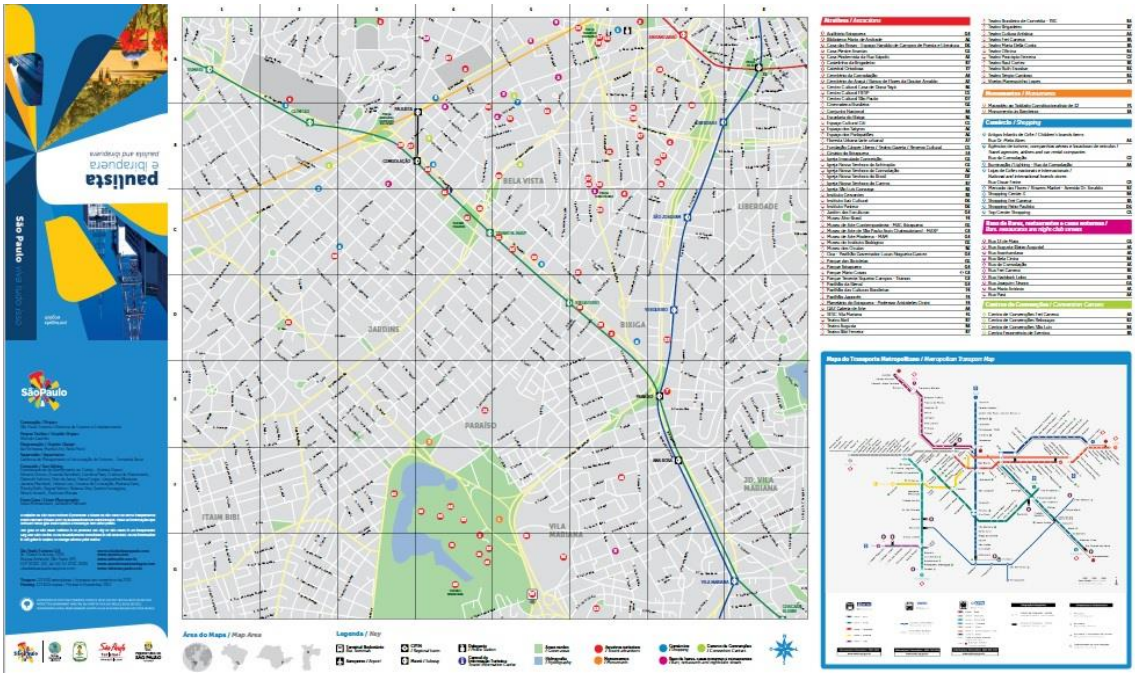

Figura 03: Mapa da Região da Avenida Paulista e Ibirapuera (frente)
Disponível em http://www.capital.sp.gov.br/turista acesso 06/06/2017

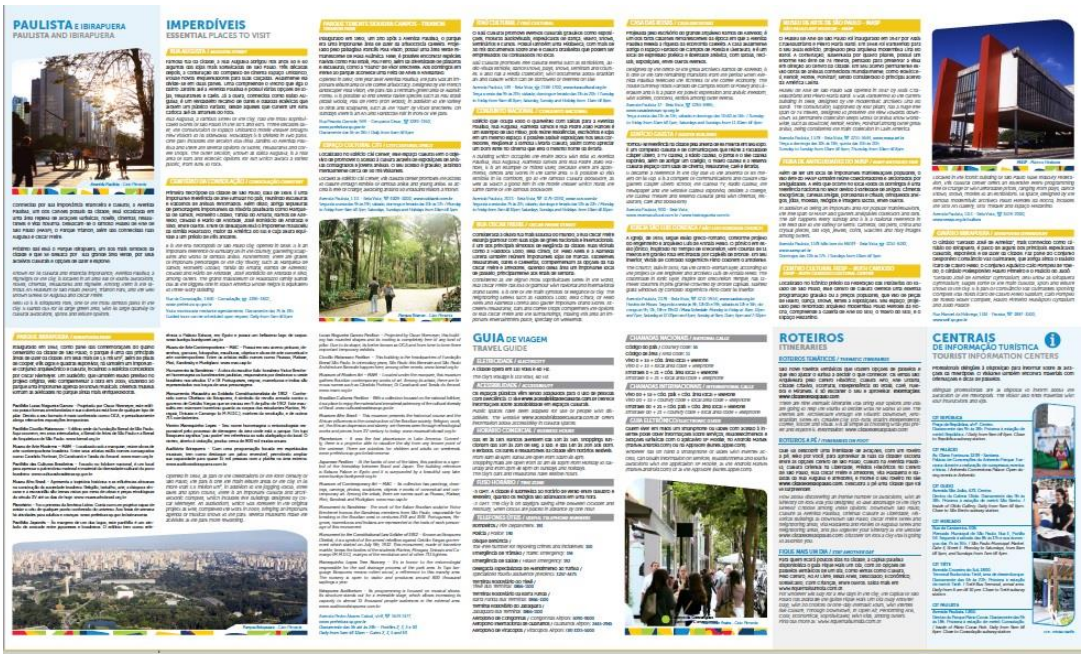

Figura 04: Mapa da Região da Avenida Paulista e Ibirapuera (Verso: parte explicativa). Disponível em http://www.capital.sp.gov.br/turista acesso 06/06/2017

No mapa que mostra a região da Avenida Paulista, nota-se a mesma padronização cartográfica adotada para o mapa da Região de Pinheiros. Ele, após impresso, assim como o anterior, passa a ter uma maior portabilidade, ajudando que

permaneça com o usuário, durante seu trajeto de visitação. Em relação aos dados existentes no mapa em questão, percebe-se a utilização da mesma base cartográfica, com apenas uma modificação: a inserção dos equipamentos turísticos e culturais relacionados ao local.

É oferecido ao usuário, lugares que são consideradas atrações "imperdíveis", ou seja, aquelas que na visão do autor do documento, são dignas de serem visitadas. Não que essa ação de seleção, realizada pelo autor do mapa, seja algo "maquiavelicamente" preparado, mas a menção de existência e seleção de lugares "imperdíveis" transforma o mapa em um condutor de visitação, que em certos aspectos, anula as possibilidades do turista (leia-se usuário do mapa), de explorar outros locais.

A seleção de lugares "imperdíveis" é um exemplo de como as ideias culturais que orientam a construção de um documento, reforçam diferenças e outros elementos da sociedade da qual faz parte o seu autor. Essa "memória cultural" é a que sobrevive: "De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas a escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo". (Le Goff, 2003, p. 525). A "escolha efetuada pelas forças", conforme argumentado por Le Goff, representam a exposição, nesse caso específico do documento cartográfico, da visibilidade expressada pelo mapa. Pode-se afirmar que essa visualidade/memória é o que é "dado" ao usuário que, "recebe" e posteriormente "retribuiu", como a mesma força, aquilo que lhe foi oferecido inicialmente. O ciclo da Dádiva acaba por reproduzir as forças gestoras da sociedade em questão, estabelecendo um equilíbrio artificial. Essa artificialidade é identificada, nesse caso específico, na manutenção das diferenças existentes na sociedade produtora e consumidora do objeto cartográfico.

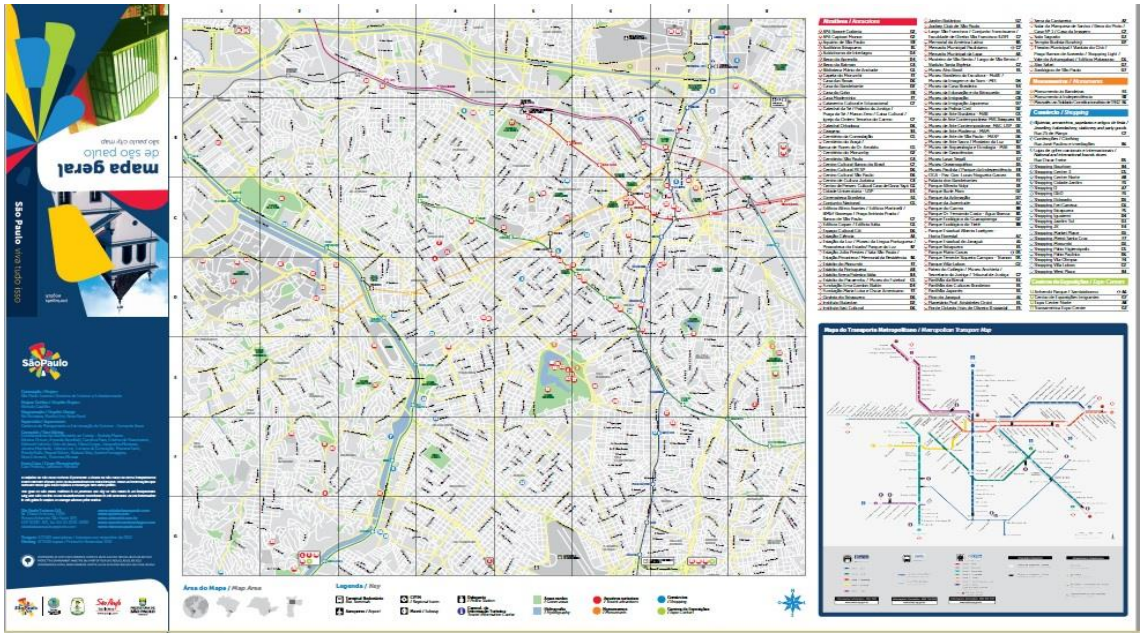

Figura 05: Mapa Geral da cidade de São Paulo (Frente). Disponível em http://www.capital.sp.gov.br/turista acesso 06/06/2017

Figura 06: Mapa Geral da cidade de São Paulo (Verso: Parte Explicativa). Disponível em http://www.capital.sp.gov.br/turista ; acesso 06/06/2017

No último objeto cartográfico a ser analisado, notam-se elementos constituidores semelhantes, em relação aos mapas anteriormente analisados. Esse fato deve-se, principalmente, a utilização da mesma base cartográfica para todos, os mapas não são setorizados, fato restrito as informações existentes nos respectivos versos dos objetos cartográficos. Para Marcello Martinelli: "[...] os mapas podem mostrar mais do que apenas a posição dos lugares (...). Eles podem dizer muito sobre os lugares, caracterizando-os" (MARTINELLI, 2003, p. 35).

Essa "caracterização" é o que se pode perceber na explicação dos lugares classificados como "imperdíveis", presentes na escrita expostas nos mapas analisados. A construção da legenda interpretativa de um mapa, representa a seleção cultural estabelecida pelo cartógrafo e é o veículo inicial de comunicação com o futuro leitor do mapa. Como já argumentado, ela não é isenta e representa a forma como esse mesmo indivíduo observa, traduz e representa a exposição seletiva presente no mapa.

O que acontece é que a legenda estabelecida, é necessariamente secundária e só pode ser entendida, na presença do objeto cartográfico que a motivou. A tecnicidade da produção cartográfica na contemporaneidade - notar que os mapas aqui analisados são fruto de um mapeamento de satélite e a construção de uma base cartográfica mais próxima da realidade vivenciada - não é questionada, pois vincula-se ao modelo social, político e econômico das máquinas e sua infalibilidade técnica.

Cartografia turística e seus constantes problemas interpretativos: análises finais preliminares.

Nesse artigo apresentaram-se as discussões iniciais referente ao projeto "Hospitalidade e a materialização das representações sociais: a contemporaneidade das ideias de Marcel Mauss", em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação, Mestrado e Doutorado em Hospitalidade da UAM-SP. Como percebido, o leitor do objeto cartográfico; ao absorver as informações pré selecionadas no mapa, passa a atuar na formalização dos mecanismos gerenciais da sociedade da qual faz parte, reproduzindo conceitos absorvidos pela observação do material cartográfico. Esses objetos materializam memórias e situações que concretizam a existência cotidiana humana. A história se materializa em objetos, aquilo que Neil MacGregor (2013, p.16) chamou de "A necessária poesia das coisas". A percepção da identidade coletiva dos grupos humanos é associativa à realidade material construída para representá-la.

As limitações das análises aqui apresentadas referem-se a exclusividade de uso de mapas turísticos impressos. A época contemporânea responde com o uso massivo de *smartphones* capazes de produzirem mapas personalizados "ao gosto do freguês", que podem, inclusive, interagir com as informações existentes postadas por outros usuários. Esse aspecto, que não é objeto de análise de artigo, precisa ser trabalhado com o uso de outras ferramentas analíticas que associam técnica as modificações sociais e culturais dos grupos humanos envolvidos em sua produção. Algo de instantâneo e efêmero, que pela velocidade das transformações, impede o uso de modelos historiográficos tradicionais de análise. François Dosse, já percebia algo semelhante a isso, no final da década de 1980. Algo que ele chamou de "A história em migalhas", ou seja: "Uma série de regras combinatórias são empregadas como meio de inteligência do real (...). a permanência, que permitem ao sistema instalado a auto regulação pela reabsorção daquilo que se apresenta como novo ou contraditório, conforme as lógicas internas. Então, a mudança, a ruptura não são mais significativas" (DOSSE, 1992, p. 231)

Bibliografia de Referência

CAVENAGHI, A. J. A construção da memória historiográfica paulista: Dom Luiz de Céspedes Xeria e o mapa de sua expedição de 1628. Anais do Museu Paulista (Impresso), v. 19, p. 81-109, 2011.

DOSSE, F. A História em migalhas: dos Annales à Nova História. São Paulo : Ensaio; Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992.

HARLEY, J.B. *La nueva naturaleza de los mapas: ensayos sobre la historia de la carografía.* México : Fondo de Cultura Económica, 2005.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas-SP : Editora da UNICAMP, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In. MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo : Cosac Naify, 2003.

MacGREGOR, Neil. A história do mundo em cem objetos. Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

MARTINELLI, Marcello. Mapas da geografia e cartografia temática. São Paulo : Contexto, 2003.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo : Cosac Naify, 2003.

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília : Editora UNB, 2001.